

humanitas



Vol. XLVII - Vol. I

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. XLVII • TOMO I
MCMXCV

1.ª PARTE DA MISCELÂNEA EM HONRA
DA DOUTORA MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA



MARÍLIA PULQUÉRIO FUTRE PINHEIRO
Universidade de Lisboa

A ATRACÇÃO PELO EGIPTO NA LITERATURA GREGA

É difícil, hoje em dia, a um Europeu, abdicar daquele espírito de distanciamento ou de condescendente superioridade, sempre que é levado a pronunciar-se a respeito de outros povos e de outras culturas diferentes ou distantes das suas. É um sentimento comum, em todos os estádios de evolução da humanidade, aos recém-chegados ao palco da história. Eles ostentam aquela arrogância própria de quem vê os factos através da lente redutora do presente, que deforma e amplia, conferindo proporções desmedidas aos acontecimentos que estão próximos de nós.

É difícil aceitar a ideia de que, apesar da nossa ancestralidade, não passamos de epígonos recentes de civilizações milenárias. Habitua-mo-nos a olhar para o Oriente como palco confuso e escaldante de conflitos internacionais e de políticas obscuras e custa-nos a crer que esse mesmo Oriente tenha vivido épocas de esplendor nunca mais igualado, porque temos em mente o quadro humilhante da degradação política e social e da penúria económica dos povos do Levante. O Oriente interessa-nos, hoje em dia, na medida em que o tomamos como exemplo negativo e como termo de comparação, com o objectivo de exaltar os nossos valores intelectuais, morais ou religiosos, como potenciais mercados para escoar os produtos que produzimos, ou como roteiros turísticos, onde vamos alimentar o nosso gosto *à la mode* por países exóticos e longínquos, à volta dos quais se criou, ao longo dos séculos, uma aura de mistério.

Mas, se nos libertarmos dos preconceitos atrás assinalados e renunciarmos a essa visão elitista e restritiva, evitando a tal ilusão de óptica que deturpa os factos da História, cedo nos daremos conta que as nossas

mais profundas raízes assentam no Oriente e que somos herdeiros desse Universo longínquo e misterioso, tal como o tinham sido já os Gregos e os Romanos.

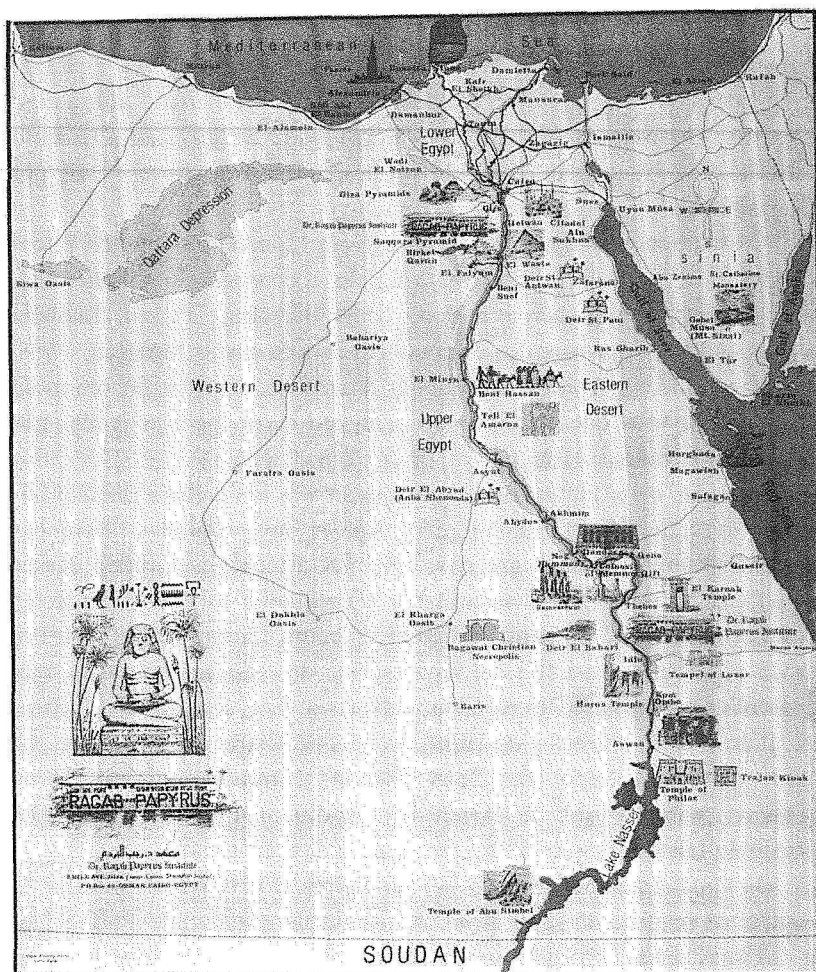
O Egipto, país de antiquíssimas tradições, onde floresceu uma das mais ricas e pujantes civilizações do mundo, exerceu, desde sempre, sobre os Gregos, uma curiosidade e atracção irreprimíveis. As relações entre o Egipto e a Grécia eram profundas e antigas. Desde o século VIII a.C. que os Gregos da Ásia Menor e das ilhas tinham interesses comerciais na região do Delta. Cerca de 650 a.C., Mileto fundou na margem esquerda do Nilo o porto de Náucratis, que se tornou rapidamente um entreposto pan-helénico, onde eram comercializadas mercadorias da Grécia, do Egipto e da Arábia. Antes ainda dessa data, Jónios e Cários tinham servido como mercenários no exército do rei saíta Psamético I, que pretendia estender o seu poder sobre todo o Vale do Nilo.

Sob o domínio persa, unidos numa mesma causa contra o inimigo comum, estreitaram-se as relações entre os dois povos e, mais tarde, será com o apoio dos Gregos que, uma vez reconquistada a autonomia, os Faraós indígenas conseguirão, por um curto espaço de tempo, fazer frente aos exércitos dos soberanos persas.

Segundo a tradição, os filósofos Tales e Pitágoras visitaram o Egipto e, além deles, também logógrafos, historiadores e outros eruditos fizeram viagens idênticas, com o intuito de estudarem esse país misterioso, de que os Poemas Homéricos tinham celebrado as maravilhas.

Terá sido, penso eu, com um espírito algo semelhante aos dos modernos europeus e movidos também por intuítos sensivelmente idênticos, de índole comercial e lucrativa, que os antigos gregos, mercadores e viajantes, com uma altivez um tanto ingénua e com uma nítida consciência de superioridade face aos outros povos, que apelidavam de «bárbaros», começaram a afluir ao Egipto. Mas, provavelmente ao invés do que esperavam, depararam com uma civilização muito avançada, que os desconcertou pela grandiosidade dos seus monumentos, os intrigou pela estranheza dos costumes, os atraiu pelo carácter esotérico e misterioso da religião.

Movidos por uma curiosidade ávida, os viajantes gregos procuraram descobrir os contornos da geografia desse país, conhecer a sua história, surpreender e desvendar os segredos ocultos dos seus ritos e mistérios. Mas estavam condenados, muitas vezes, a não obter senão informações inexactas e incompletas. A classe sacerdotal egípcia, conservadora por natureza, retraía-se, com pudor e desdém, perante estranhos que não respeitava e não ousava profanar os santuários dos seus deuses. Os nossos



Mapa turístico do Egípto.

viajantes viram-se, assim, constringidos a dialogar e a obter informações de obscuros sacristães, de guias e intérpretes, por vezes gente ignorante que deturpava, a seu bel-prazer, a religião e a história, camuflando-as com elementos extraídos do folclore e das lendas populares. Os Gregos tinham chegado ao Egípto com a ideia preconcebida de que aí iriam encontrar a cópia do que lhes era familiar na sua pátria. Por vezes, alteraram mesmo os nomes indígenas, substituindo-os por outros que lhes eram sugeridos pela analogia do som, nomes esses que ainda hoje se

mantêm, como Tróia e Babilónia. Ao atingirem o vértice do Delta, cuja vasta área triangular lhes fazia lembrar a quarta letra do seu alfabeto, depararam com a importante cidade de Mênfis, cujo nome alternativo Hikuptah, «Mansão da Alma do deus Ptah», pode ter sugerido a Homero a forma Αἴγυπτος, usada por ele para designar o rio Nilo e o país por ele banhado.

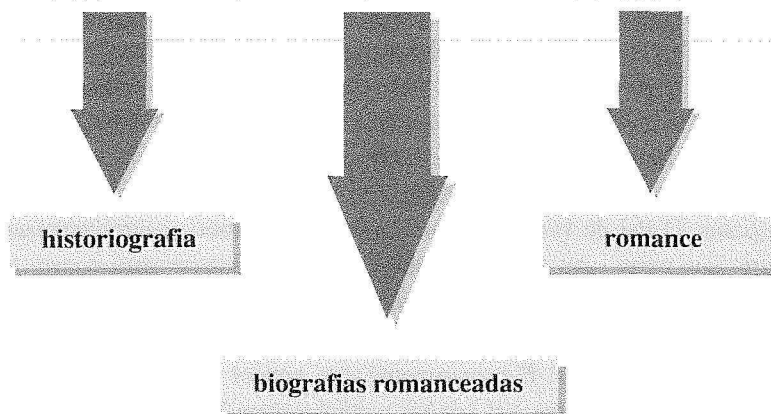
Atribuíram, também, às cidades egípcias fundadores gregos e, em contrapartida, reclamaram, do Antigo Egipto, a consagração da paternidade de alguns dos seus heróis míticos, como Hércules e Perseu. Também os protagonistas famosos dos Poemas Homéricos como Menelau, Páris, Helena ou Ulisses, viveram aí aventuras dramáticas, misturadas com as de faraós imaginários que emprestaram exotismo e cor local às lendas por eles protagonizadas.

Uma das mais fantasiosas invenções desses visitantes e mercenários situou-se no domínio da religião. Apesar das profundas diferenças existentes entre os deuses gregos e egípcios, a teologia primária desses homens tinha tendência a assimilar e a confundir os deuses daqueles com as divindades do panteão helénico, como Crono, Zeus, Hefesto, Apolo e Afrodite. Resultou daí uma espécie de religião compósita, que combinava arbitrariamente elementos díspares. Era, sem dúvida, bizarro ver, lado a lado, em actos de culto, os fiéis de Osíris e Dioniso, de Nit e de Atena, ou encontrar Zeus (Ámon, como o designavam os Egípcios) sob a forma de carneiro, e Apolo, o egípcio Horus, com cabeça de falcão.

Os Gregos habituaram-se a ver no Egipto o país por excelência da religião, da magia e da superstição. A quantidade e indiscutível antiguidade das suas maravilhas calaram fundo nos corações desses viajantes vindos do outro lado do Mediterrâneo e lançaram as sementes daquela lendária sabedoria dos Egípcios, cuja crença se manteve inalterável ao longo dos milénios subsequentes.

Simultaneamente, os cultos egípcios foram-se infiltrando nas mais importantes cidades gregas. Primeiro tolerados, vieram a ser mais tarde solidamente implantados, angariando cada vez maior número de adeptos. Assim se criou lentamente o embrião do mais importante fenómeno religioso da época helenística, que foi a fusão entre as doutrinas religiosas do Oriente e a dialéctica subtil, a brilhante teosofia dos filósofos gregos. No presente estudo irei focar a presença do Egipto em três géneros literários gregos: a historiografia com Heródoto, as biografias romanceadas e, finalmente, o romance.

A Atracção pelo Egípto na Literatura Greco-Romana



1. HISTORIOGRAFIA

Dentre os viajantes célebres, Hecateu de Mileto (510 a.C.) e Heródoto, originário de Halicarnasso (c. 484-403 a.C.), foram os primeiros autores a tomarem o Egípto como fonte inspiradora das suas obras de teor histórico e geográfico e a manifestarem uma fome de saber, uma capacidade de assombro, um entusiasmo pela multiplicidade e diversidade dos fenómenos do mundo exterior, uma curiosidade e um desejo de preservar a herança cultural dos povos, que até hoje não foram iguados.

O primeiro, autor de uma obra que se perdeu (*Periegesis*), preocupou-se mais com questões de ordem geográfica, como as cheias do Nilo, a formação do Delta e a fauna do país, do que com aspectos de ordem etnográfica ou histórica.

Ao segundo devemos o primeiro relato circunstanciado do Egípto, que chegou até nós intacto. O segundo livro das *Histórias*, denominado *Euterpe*, funciona como uma digressão consagrada àquele país, feita de observações directas e de informações, que foi introduzida no relato consagrado às campanhas militares de Cambises, à luta épica que pôs frente a frente Gregos e Persas, e ao jugo imposto por estes últimos ao Egípto.

O destaque dado a esta digressão é justificado pelo facto de o Egípto ser, dentre as regiões da Terra, a mais rica em maravilhas. Pouco depois de 450 a.C., Heródoto tinha feito como turista uma viagem ao Egípto que

durara cerca de 3 meses, tendo chegado a Elefantina, localizada junto à primeira catarata, e visitado Tebas e Mênfis.

Poucos são os aspectos da vida dos Egípcios que deixam indiferente o nosso historiador, que não excitam a sua imaginação ou espicaçam o seu interesse. Todavia, as fontes que utiliza, nem sempre fidedignas, o crédito que dá a tradições populares e as generalizações abusivas que faz de certos factos, têm-lhe merecido críticas severas, não só de alguns autores da Antiguidade¹, mas também dos nossos dias². De facto, o objectivo de Heródoto é não só informar, mas também entreter os seus leitores ou ouvintes. O Pai da História, como Cícero lhe chamou, é um conversador inato, que passa com a maior facilidade de uns assuntos para outros, exibindo determinadas técnicas que hoje em dia são rotineiras, como as que se utilizam nas reportagens jornalísticas, nas entrevistas televisivas e na investigação histórica. É precisamente este pendor para a ficção que tão bem o caracteriza, que vai ocupar a minha atenção nas páginas que se seguem.

Na segunda metade do livro II (cap. 99-145) predominam os elementos narrativos; é aí que Heródoto se alonga em relatos históricos ou pseudo-históricos, deixando transparecer o seu admirável talento de narrador. Impressiona, sobretudo, o carácter anedótico da maior parte desses relatos, onde a história do Egipto e dos seus soberanos nos é revelada através de um punhado de historietas curiosas ou de factos diversos, de carácter edificante ou divertido.

Quase todos os faraós que Heródoto enumera tinham deixado, segundo o historiador, traços visíveis e tangíveis da sua passagem pelo poder: eram responsáveis pela construção de monumentos ou obras de arquitectura e as suas actividades, o fausto das suas cortes, as suas vitórias ou aventuras estavam perpetuadas através de inscrições, pinturas ou esculturas inscritas nas paredes de templos e santuários.

¹ Luciano, (*Philops.* 2) junta, num mesmo saco, Homero, Heródoto e Ctésias e queixa-se pelo facto de, por culpa deles, a história dos primeiros tempos ser um amontoado de mentiras. Do mesmo modo, na sua pintura satírica dos Infernos (*VH*, II,31), coloca na primeira fila de culpados, que são severamente castigados, Heródoto e Ctésias por serem autores de histórias mentirosas. Estrabão (XIV), Diodoro Sículo (I, 69 e *passim*) e Aulo Gélio (III, 10 e VIII,4) acusam-no de credulidade e Plutarco e Díon Crisóstomo (*Disc.* XXXVII) de maldade.

² M.Hadas (*Hellenistic Culture. Fusion and Diffusion*, Columbia University Press, Morningside Heights, New York, 1959, p. 55) atribui-lhe falta de sentido histórico, característica essa que, em sua opinião, é extensiva a todos os Gregos.

A Atracção pelo Egipto na Literatura Greco-Romana

Historiografia

Aspectos da Ficção em Heródoto

- História de Sesóstris
- " de Sabaco
- " de Micérino
- " de Quéops
- " de Rampsínito

No decurso de monótonas viagens pelo Nilo, em casa de hospedeiros de ocasião, durante as visitas a santuários³, Heródoto ouve histórias que reproduzem contos do Antigo Egipto, em que velhos mitos se transformam em relatos ficcionais, em que figuras reais surgem moldadas pela tradição como personagens novelescas, a história se confunde com a ficção e se transmuta em lenda e a imaginação em realidade. Aliás, o génio inventivo e criador dos Egípcios, que enraíza na milenária tradição oriental de criar lendas e histórias com base em factos reais, assenta à maravilha no nosso autor, que encarna o autêntico espírito jónico, mistura original de curiosidade inquieta, de sensualidade voluptuosa, de cepticismo mordaz que revela, sobretudo, uma enorme confiança nas capacidades da inteligência humana. A Jónia, onde se deram os primeiros passos em direcção ao pensamento filosófico, com os pré-Socráticos, que viu florescer no seu solo a poesia épica e a historiografia com os logógrafos, constituiu terreno propício para o aparecimento da novela. Na Jónia, que verá nascer a primeira recolha de novelas (*As Milésias*), este género penetra na historiografia e influencia-a profundamente, conferindo-lhe aquele travo, aquele delicioso misto de ingenuidade e perversão que hoje nos encantam e de que Heródoto é o máximo expoente.

³ E.g. em Mênfis (o de Ptah-Efesto), em Sais, em Bubástis ou em Buto.

Heródoto, este «rapsodo em prosa» como alguém o designou ⁴, incorporou um vasto material lendário e novelístico no corpo das suas *Histórias*, quer sob a forma de digressões, quer fundido no próprio tecido do relato histórico. Segundo Maspero ⁵, toda a segunda parte do Livro II é para nós, «mais do que um curso de história, um capítulo de história literária». Algumas destas historietas trazem em si uma marca nitidamente popular, como a de Sesóstris (II,107), célebre faraó egípcio, famoso pelas suas conquistas, às quais aludem Diodoro ⁶, Estrabão ⁷, Plutarco ⁸ e Flávio Josefo ⁹. Conta-se que um dia, no regresso de uma das suas expedições militares, caiu numa armadilha montada pelo irmão, a quem tinha confiado o governo do país durante a sua ausência. Tendo aquele pegado fogo à casa em que o faraó pernoitava com a família, foi-lhe sugerido pela mulher que sacrificasse dois dos seus filhos, estendendo-os sobre as chamas, a fim de formar com os seus corpos uma espécie de ponte sobre o fogo. E assim se salvaram, passando incólumes por cima dos cadáveres.

Outras, como a história de Sabaco (II,139), são de recorte eclesiástico. O faraó Sabaco, da dinastia etíope, homem temente a deus, depois de ter tido um sonho em que um homem o exortava a juntar todos os sacerdotes e a cortá-los em duas metades, preferiu abandonar o Egipto e abdicar do trono, a atentar contra a vida de seres sagrados, expondo-se a atrair sobre si a maldição divina.

Fero, cujo nome parece ser uma variante de faraó, é protagonista de uma história de inspiração satírica, nitidamente misógina, modelada ao sabor das novelas de tipo milésio, a qual estigmatiza a impudícia do belo sexo (II,111). Castigado com a cegueira por ter cometido uma heresia contra o Nilo, só poderia voltar a ver se lavasse os olhos com a urina de uma mulher que tivesse sido de um só homem; mas o remédio não era tão simples de alcançar como parecia, dada a dificuldade de encontrar mulheres irrepreensivelmente fiéis, a começar pela própria mulher do faraó. Quando, por fim, recuperou a vista, Fero reuniu todas as mulheres com quem tinha feito a experiência negativa e queimou-as. Mas àquela que o tinha feito recuperar a vista, a essa, ele tomou-a por esposa.

⁴ Aly, s.u. «Novelle», in *R.E.*, 1176, apud Q. Cataudella, *La Novella Greca*, Edizione Scientifiche Italiane, Napoli, 1957, p. 46, n. 18.

⁵ *Les Contes Populaires de l'Egypte Ancienne*, Paris, 1882, p. XXXII, apud Cataudella, *op.cit.*, p.47, n.23.

⁶ I,53, 1 sqq.

⁷ I,2,31; I,3,21; XVI,4,4.

⁸ *Moralia*, 360 b.

⁹ *Ap.*, I, 98 sqq; II,132.

Várias histórias egípcias parecem resultar da exegese etiológica de monumentos figurados, como aquela do amor incestuoso de Micerino pela própria filha (II, 129-133) e da vingança da mãe, que teria cortado as mãos às escravas coniventes no crime. Segundo Heródoto, essa auréola de ficção fora criada pela imaginação popular para explicar o facto de, numa sala do palácio de Sais, existirem umas estátuas de madeira sem mãos, perto do túmulo da princesa. Algum guia, mais ousado, teria inventado que essas estátuas representavam mulheres a quem teriam sido cortadas as mãos em vida. Daí à criação da lenda foi um passo. Heródoto, todavia, com o espírito crítico que lhe é peculiar, encontra para tal facto uma explicação racional, que não deixa, contudo, de ter o seu quê de bizarro: em seu entender, a mutilação das estátuas teria sido apenas provocada pela erosão causada pelo tempo (II,131).

A tradição fez de Quéops, o faraó que mandou erigir a maior pirâmide do Egipto, um tirano execrável, odiado pelos deuses e pelos homens (II,124). Conta-se que, a fim de obter o capital necessário para custear as despesas de construção do monumento, obrigou a filha a prostituir-se. Mas ela, desejosa também de deixar para a posteridade um testemunho dos seus actos, pedia a cada um dos que a visitavam que lhe oferecesse uma pedra. Segundo Heródoto, foi com essas pedras que foi construída a pirâmide que está no meio das outras três, diante da grande pirâmide (II,126).

O mesmo tópico figura na história de Rampsínito (muito provavelmente Ramsés III), a qual, segundo Cataudella¹⁰, pela amplitude do seu desenvolvimento narrativo, pela origem, carácter e repercussões do motivo, se pode legitimamente considerar uma novela (II,121). O motivo do ladrão do tesouro real pertence ao folclore de grande número de povos (da Índia, do Egipto, da Grécia e da Rússia), mas a origem egípcia da lenda parece comprovada por Maspero¹¹. Em traços largos, o conteúdo desta história dos dois ladrões pode resumir-se da forma que se segue:

Um faraó do Império Novo, a que Heródoto dá o nome de Rampsínito, era senhor de imensos tesouros; querendo guardá-los num lugar seguro, mandou construir uma câmara de pedra, em que uma das paredes fazia parte da muralha externa do palácio, comunicando, assim,

¹⁰ *Op.cit.*, p. 56.

¹¹ Segundo este autor (*op.cit.*, pp.180 sqq. e 182 n.1, apud Q. Cataudella, *op.cit.*, p.56), vários motivos da história trazem consigo a marca dos costumes egípcios: a prostituição forçada, a entrada secreta dissimulada por uma pedra móvel, a exposição do cadáver na praça pública, os odres repletos de vinho transportados em burros, etc.

com o exterior. O arquitecto do rei preparou, então, um plano insidioso, por forma a permitir o acesso à câmara que continha os tesouros. Inseriu na parede externa daquela uma pedra amovível e, antes de morrer, revelou o segredo aos seus dois filhos. Assim que o pai desapareceu, eles deslocaram a pedra e penetraram na câmara, donde retiraram muitos tesouros e avultadas quantias em dinheiro. Repetiram a façanha várias vezes, até ao dia em que um deles foi apanhado numa armadilha preparada pelo soberano. Para impedir toda e qualquer identificação, o irmão cortou-lhe a cabeça e levou-a consigo. O resto da história gira à volta das diligências do rei para descobrir o ladrão e das artimanhas que este engendrou para o despistar.

Para atrair o ladrão, Rampsínito recorreu, inclusivamente, a um expediente que Heródoto considera inacreditável: a prostituição da própria filha. Finalmente, rendido perante a astúcia e a audácia do homem, o rei ofereceu-lhe a filha em casamento.

Esta lenda já aparece configurada, em traços gerais, na história de Agamedes e Trofónio, da qual Pausânias¹² nos dá uma versão elaborada: tendo os dois personagens referidos construído a sala do tesouro de Hirieu, deixaram solta uma pedra a fim de poderem roubar o que lhes aprouvesse. Hirieu ficou assombrado ao verificar que o tesouro diminuía a olhos vistos, sem que houvesse quaisquer vestígios de arrombamento e mandou colocar armadilhas junto dos vasos que continham o ouro e a prata. Agamedes ficou preso e Trofónio, temendo ser denunciado pelo irmão, cortou-lhe a cabeça.

A história de Heródoto é mais completa, pois acrescenta à versão de Pausânias dois episódios (o do roubo do cadáver e o do episódio em que a filha do rei é levada por engano a deduzir que tinha conseguido prender o ladrão), que fazem gorar todos os esforços para descobrir o autor de tão audazes empreendimentos. Um traço evidente do carácter popular da lenda é o reconhecimento pelo rei da sagacidade e coragem do ladrão, premiando-o com a mão da princesa. Este conto, digno de figurar nas *Mil e Uma Noites*, traz-nos insensivelmente à memória certas histórias, como a de «Ali-Bábá e os Quarenta Ladrões», em que se repetem grande parte dos mesmos tópicos.

Para concluir esta breve amostragem das histórias que estão à margem da História em Heródoto, não queria deixar de assinalar um pormenor que me parece curioso, porque caracteriza, de forma lapidar, o clima artístico e ético que respira toda a obra do historiador. Ao ceder ao fascínio dessas tradições orais de origem popular, Heródoto está simultaneamente a incutir

¹² Cf. IX,37,5-8. Também Cárace (Schol. ad *Aristoph. Nub.*, 507) nos apresenta uma versão da história que é muito semelhante à de Heródoto.

em nós princípios que correspondem à sua visão moral da vida e da história. Cada um dos seus deliciosos «logói» traduz certos dogmas da filosofia moral e ética da Grécia arcaica. Entre as novelas de Heródoto e a tragédia, diz-nos S. Trenkner¹³, têm sido detectadas algumas semelhanças, não só no que diz respeito à estrutura das fábulas, mas também no que se refere à problemática que aí é equacionada. Cada uma das histórias que nos narra (quer se trate de histórias romanceadas, de lendas etiológicas, de parábolas ou de literatura oracular) adquire um carácter de universalidade que faz delas obras de poesia, segundo o conceito aristotélico. Para além de constituírem uma mera sucessão de factos, elas geram uma realidade na qual se concretizam, através do comportamento humano, os sinais do Eterno e a experiência de um mundo devedor de certos princípios éticos e morais.

2. BIOGRAFIAS ROMANCEADAS

Na Antiguidade era comum romancear as biografias de personalidades ilustres, gosto que ainda perdura nos nossos dias¹⁴. O processo de criação

A Atracção pelo Egípto na Literatura Greco-Romana

Biografias Romanceadas

- Romance de Nino e Semíramis
- " de Sesoncós
- " de Alexandre
- " (Pseudo-Calístenes)

¹³ *The Greek Novella in the Classical Period*, Cambridge, 1958, p. 24.

¹⁴ Cf. a trilogia de Alexandre de Mary Renault, *Memórias de Adriano* de Marguerite Yourcenar e, mais recentemente, *Memórias de Agripina* de Seomara da Veiga Ferreira.

ou de invenção dessas obras de carácter biográfico tem sido idêntico em todas as épocas: a escolha do protagonista, que é geralmente um nome conhecido da história, da lenda ou do mito, é pouco mais do que um pretexto para a criação da obra romanesca. O que prevalece é a invenção arbitrária, aquilo a que os Antigos chamaram *plasma*, que é o privilégio do romancista e é assumido por uma *praxis* literária sancionada pela tradição. Por exemplo, na *Ciropedia*, a intenção de Xenofonte é fazer-nos crer que escreve uma história verídica. Todavia, o leitor desde cedo se apercebe de que os acontecimentos não devem ser tomados à letra. As intenções que presidiram à elaboração da obra e que se centram em objectivos didácticos, levaram o historiador a apresentar-nos Ciro de uma forma idealizada, como sendo o único capaz de governar, com sucesso, um grande Império realçando as virtudes que subjazem às vitórias militares do comandante dos Persas.

O *Romance de Nino* ou *Ninopedia*, como também é vulgarmente designado, datado com toda a probabilidade de 100 a.C. a 50 d.C., foi também concebido segundo o modelo da *Ciropedia* e partilha, com esta última, da ausência de pretensões de rigor e de fidelidade históricos. Relata-nos a juventude de Nino, o fundador mítico de Nínive, as campanhas militares que levou a cabo no continente da Ásia e o seu romance com a famosa Semíramis, que nos é apresentada com traços bem mais suaves do que a imagem transmitida pela lenda¹⁵.

¹⁵ A saga de Nino e Semíramis é-nos transmitida de forma resumida por Diodoro (II,1sqq.). Se o relato das conquistas militares de Nino coincide com a versão contida nos fragmentos que nos restam do romance, o jovem e convencional par de namorados é aí descrito sob uma perspectiva muito diferente, que condiz melhor com o carácter oriental da lenda. O poder absoluto, exercido a bem ou a mal pelos poderosos, ocupa o primeiro plano do relato. Semíramis, que tem sido identificada com a rainha assíria Sammut-râmat, deixou profundas marcas na memória dos povos da Síria e da Mesopotâmia, chegando a ser semidivinizada. Segundo a lenda, Semíramis seria filha de Dérceto e, tal como a sua divina parente e como Ishtar na épica de *Gilgamesh*, é representada como uma mulher voluptuosa e cruel que mata os seus inúmeros amantes, a fim de evitar que algum deles lhe usurpe o poder. Diodoro atribui-lhe realizações grandiosas, desde conquistas militares até à construção de obras públicas, que incluem a própria fundação de Babilónia. A fonte de Diodoro, o médico grego Ctésias, que residiu na corte da Pérsia por volta de 400 a.C. e escreveu sobre a história da Assíria, diz-nos que, após um reinado de 42 anos, Semíramis desapareceu da face da terra, voando para o céu sob a forma de pomba. De acordo com Diodoro (II,2,1), Nino teria passado 17 anos a conquistar a Ásia Ocidental e o Egipto, antes de encontrar Semíramis no cerco da Bactria, onde se teria enamorado dela, usurpando-a ao marido pela força. Sobre a história do estratagemma usado por Semíramis para arredar Nino do poder, cf. Diodoro (II,20,3-5), Plutarco (*Amatorius* 753 D-E) e Eliano (VH.VII,1). Ao contrário de



Pormenor de um mosaico de c. 200 d.C., proveniente de Antioquia, na Síria. Nino está recostado com o retrato de Semíramis na mão, e a personagem feminina da direita estende-lhe uma taça. O significado da cena é pouco claro.

Num dos três fragmentos a que a obra se reduz (B II)¹⁶, e após a descrição da campanha contra os Arménios, principais adversários dos Assírios, encontramos uma referência a guerras anteriores contra o Egípto. Não obstante o carácter primitivo da obra e o estado fragmentário do

Semíramis, Nino é um carácter fictício, uma personagem compósita, epónimo da cidade de Nínive, que concentra em si os feitos de uma longa linhagem de reis Assírios.

¹⁶ O que nos resta do romance de Nino está contido em três fragmentos de papiro encontrados no Egípto (fragmentos A, B e C respectivamente). Os fragmentos A e B encontram-se no Museu de Berlim (papiro n.º 6926 e provêm do mesmo manuscrito, mas o fragmento C, descoberto em 1932, está num manuscrito diferente, encontrado em Oxirrínco. Os fragmentos A e B foram publicados pela primeira vez por Ulrich Wilcken (*Hermes* 28, 1893, pp. 161-193), tendo sido, também, posteriormente publicados por S. Gaselee (suplem. a J.M. Edmonds, *Daphnis and Chloe*, Loeb Classical Library, London, 1935, pp. 382-399), por B. Lavagnini (*Eroticorum Fragmenta Papyracea*, Leipzig, 1922), por R.M. Rattenbury (*New Chapters in the History of Greek Literature*, third series, ed. J.U. Powell, Oxford, 1933, pp.211-223 e por F. Zimmermann (*Griechische Roman-Papyri und verwandte Texte*, Heidelberg, 1936, pp. 11-35). O fragmento C foi publicado por Meade Norsa in *PSI* 13, 1949, pp.82-86. Há quem duvide de que esta seja a ordem correcta dos fragmentos. Sobre o estado da questão, cf. E. Perry, *The Ancient Romances. A Literary-Historical Account of their Origins*, Berkeley & Los Angeles, University of California Press, 1967.

papiro, que torna conjectural qualquer juízo sobre o lugar que a obra teria ocupado no conjunto da narrativa de ficção, podemos, todavia, considerá-lo na linha de descendência dos romances gregos¹⁷.

As recentes descobertas papirológicas têm contribuído para alargar o nosso horizonte de conhecimentos relativamente à literatura do período helenístico, sobretudo no que diz respeito à literatura de ficção. Além de nos ajudarem a conhecer melhor a amplitude da produção romanesca, de que só conservamos uma parte, certamente exígua, essas descobertas têm contribuído, também, para reformular os nossos critérios quanto à cronologia das obras.

Ainda mais exíguos que os fragmentos do *Romance de Nino* são os três papiros, datados do século III d.C., que preservam restos de uma história semelhante à anterior, ainda que provavelmente bastante mais tardia, que se desenrola em solo egípcio e se centra à volta do lendário faraó Sesoncósis¹⁸. Estreitamente aparentado, quanto ao tema, com o romance atrás referido, no *Romance de Sesoncósis* encontramos outro exemplo de construção de uma narrativa de carácter romanesco, a partir de uma biografia que certamente terá existido, mas de que não nos ficaram testemunhos.

O segundo fragmento contém o relato de uma expedição militar de tipo convencional, relacionada com a invasão do Egipto pelos Árabes, que são derrotados¹⁹.

Sesoncósis, que é uma outra designação de Sesóstris²⁰, o faraó de que há pouco falei a propósito de Heródoto, representa o grande conquistador, o rei que submeteu a Etiópia e que era visto pela população egípcia como símbolo das glórias esplendorosas do passado. Segundo o testemunho do historiador (II, 102-110), este faraó, que teria governado no século

¹⁷ R.M. Rattenbury (*op.cit.*) considera que se encontram inquestionavelmente em embrião, nesta história fragmentária, as características dos restantes romances gregos. Para mais pormenores sobre o significado do *Romance de Nino* no conjunto da história da ficção grega, cf. O. Schissel von Fleschenberg, *Entwicklungsgeschichte des griechischen Romanes im Altertum*, Halle, 1913, p. 14.

¹⁸ Referências a Sesoncósis na literatura grega são Heródoto 2,102-110; Diodoro Século 1, 53-58, Pseudocalístenes 1, 33,6; 3,17,17; 24,2; 34,4.

¹⁹ Para uma interpretação deste fragmento (P. Oxy. 2466), cf. Ruiz-Montero, C., «P. Oxy. 2466: The Sesonchosis Romance», *Zeitschrift Für Papyrologie und Epigraphik*, Band 79, 1989, pp. 51-57. Os outros dois fragmentos são o P. Oxy. 1826 e 3319. O segundo foi editado por Dr. Rea in *The Oxyrhynchus Papyri* 27, 1962, pp. 134-136 e o terceiro por J.N. O'Sullivan e W.A. Beck in «The Sesonchosis Romance», *ZPE* 45, 1982, pp. 71-83, com tradução e comentário.

²⁰ Quanto ao nome Sesoncósis e suas variantes, cf. S. West, *The Oxyrhynchus Papyri* 47, 1980, p.11, n.1.

XIV a.C., subjogou os Árabes, os Citas e os Trácios e encontrou trabalho para a multidão que tinha trazido com ele dos países conquistados. Foi essa multidão de povos dominados que empurrou os grandes e compridos blocos de pedra transportados no reinado daquele soberano para o templo de Hefesto e foram eles também que escavaram todos os canais então existentes no Egípto.

A fama de Sesoncósís é comparável à de Alexandre, não só pelo seu valor enquanto estratégia militar, mas também pela capacidade de gerir, através de uma política sistemática e coerente, os territórios conquistados. Podemos então considerar Sesoncósís como o predecessor espiritual de Alexandre no romance do Pseudocalístenes.

Na esteira do *Romance de Sesoncósís*, temos hoje o *Romance de Alexandre*²¹, falsamente atribuído a Calístenes, o historiador da corte de Alexandre. Nesta obra, foi aproveitada uma tradição oral que tornou lendária a figura do soberano, aliando, de forma indissociável, o mito e a história²².

Diz-nos a história que em 356 a.C. nasce em Péla, capital da Macedónia, o filho do rei Filipe II e de Olímpias, e com ele a ambição da criação de um vasto Império. Os desejos expansionistas de Alexandre impeliram-no a conquistar vastos territórios numa amplitude geográfica que abarcava a Ásia Menor, a Fenícia, o Egípto e a Índia. A conquista do Egípto (332-331) foi feita com muita facilidade. Os Persas eram considerados os grandes opressores e grande parte da resistência era levada a cabo pelos poderosos sacerdotes egípcios. Alexandre apareceu como libertador e é essa imagem que procurará transmitir aos seus súbditos. Fez-se reconhecer faraó, foi consultar o oráculo de Ámon, no oásis de Siwah, deu ordem para serem reconstruídos os templos tradicionais de Luxor e Carnaque, procurando, desta forma, obter o apoio do clero.

Quanto à lenda, foi sendo pouco a pouco edificada, com a cumplicidade dos historiadores antigos²³. Para se compreender a versão que nos é dada pelo Pseudocalístenes, é preciso reportarmo-nos à personalidade histórica e mítica de Nectanebo.

²¹ Pseudocalístenes, *Vida y Hazañas de Alejandro de Macedonia*, (trad.) Carlos García Gual, Editorial Gredos, Madrid, 1988.

²² Para uma análise dos aspectos históricos e ficcionais do *Romance de Alexandre*, cf. R. Stoneman, «The Alexander Romance: From History to Fiction», in *Greek Fiction: The Greek Novel in Context*, ed. J.R.Morgan and R. Stoneman, Routledge, London & New York, 1994, pp. 117-129.

²³ As fontes antigas mais importantes para o estudo da personagem de Alexandre são Arriano, Diodoro Sículo, Quinto Cúrcio e Plutarco.

Nectanebo II, faraó da XXXª dinastia, subiu ao trono em 360 a.C. e foi o último faraó autóctone, afastado do poder no decurso do ano 343 d.C. aquando da invasão do Egipto pelos Persas, sob o comando de Artaxerxes III, Oco. Historicamente, parece ter existido uma razão estratégica²⁴, para que o faraó partisse de Mênfis para a Etiópia; contudo, segundo a tradição, Nectanebo fugira para não entrar em confronto com os deuses, pois percebera que estes apoiavam os inimigos²⁵.

A tradição lendária que envolve o último dos faraós é-nos ainda acessível através da *Crónica Demótica*²⁶, constituída por um conjunto de oráculos obscuros e respectivas explicações, datada do século III a.C., e de um fragmento de papiro, datado do séc. II a.C., que foi traduzido do demótico para o grego: o *Somnium Nectanebi*²⁷. A descoberta deste fragmento de papiro veio acentuar a importância da transmissão das narrativas sob a forma escrita e não apenas oral, colocando também a questão da influência, possivelmente exercida sobre os romances gregos, pelas traduções dos romances egípcios.

O papiro revela-nos um episódio que vai ser desenvolvido no *Romance de Alexandre* *. Nectanebo sonha com diversas divindades, entre as quais Onouris, assimilado ao deus grego Ares, que implorava a Ísis que fosse vingado o ultraje à sua pessoa. Segundo a divindade, o faraó e a terra egípcia tinham sido poupados devido à sua constante protecção e não compreendia, portanto, que o templo que lhe era consagrado permanecesse inacabado. Ao acordar, o faraó prontificou-se a terminar o santuário, entregando a obra a um cinzelador, de nome Peteris que, grande apreciador da bebida, acabou por gastar o dinheiro que lhe tinha sido pago pelo trabalho, na companhia da bela filha de um perfumista. Foi este o motivo da desgraça do faraó, condenado a deixar o trono e, posteriormen-

²⁴ Cf. Diodoro Sículo XVI, 48,6; 51,1. Para uma análise da problemática relacionada com a subida ao trono de Nectanebo II, cf. Luis A. García Moreno, «La subida al trono de Nectanebo II y los Griegos», *Boletín de la Asociación Española de Egiptología* 3, 1991, pp. 161-171.

²⁵ Cf. Pseudocalístenes, *op.cit.*, I,3.

²⁶ Cf. W. Spiegelberg, «Die sogenannte Demotische Chronik», *Demotische Studien* 7, Leipzig, 1914.

²⁷ Cf. a propósito J.W.B. Barns, «Egypt and the Greek Romance», *Akten 8. Kongress für Papyrologie, Mitteilungen aus der Papyrussammlung der Oesterreichischen Nationalbibliothek*, n.s., ed. H. Gerstinger, 5 Folge, Wien, 1956, pp. 29-36 e B.E. Perry, «The Egyptian Legend of Nectanebus», *TAPhA* 97, 1966, pp. 327-333. O fragmento foi publicado por Lavagnini, *op.cit.*, pp. 37-42.

* Colaborou, na parte referente ao *Romance de Alexandre* do Pseudocalístenes, a mestrande Dr.ª Alexandra Maria Lourido de Brito Mariano, no âmbito do seminário sobre «Romance Grego», por mim orientado no ano lectivo de 1993/94.

te, a reencarnar na figura do jovem Alexandre para, de novo, reinar sobre o Vale do Nilo. É o motivo do exílio de Nectanebo que vai ser retomado no *Romance de Alexandre*, constituindo o ponto de arranque da intriga.

Destaca-se, logo no início da obra do Pseudocalístenes, a história de Nectanebo (I,1-14), pequena narrativa milésia que coloca o faraó no papel principal (a narrativa apenas se centra na figura de Alexandre a partir do cap. 12), apresentando-o como mágico artificioso que irá seduzir a mulher do rei Filipe da Macedónia, a rainha Olímpias, nascendo dessa união um filho: Alexandre. O futuro rei surge assim, simbolicamente, como traço de união entre Gregos e Egípcios e, conforme o parecer de Martin Braun²⁸, além de poder ser entendido como um Νέος Σεσόγγωσις, terá que poder ser também interpretado como um *Nectanebus rediuiuus*, concentrando em si as características dos seus predecessores egípcios.

A informação do prólogo: «Enganam-se os muitos que afirmam que (Alexandre) foi filho do rei Filipe, pois isso não é verdade. Não era filho daquele mas de Nectanebo, e dizem os mais sábios dos egípcios que o engendrou depois de haver perdido a sua dignidade régia» (I,1), é demonstrativa da vontade firme dos «mais sábios dos egípcios» de associar Alexandre à sua genealogia dinástica. A expressão popular «Se não podes vencer os teus inimigos, junta-te a eles» enquadra-se perfeitamente na mentalidade egípcia que resolveu aceitar o soberano Macedónio, impondo-lhe, porém, um novo pai. É essa a vingança subtil do Egipto, a de criar uma lenda de forte implantação, que desvirtue o ascendente do Conquistador sobre a terra de Ámon. Alexandre será, deste modo, a figura reincarnada de Nectanebo que voltou ao Egipto para libertar o povo dos verdadeiros inimigos persas. É esta a forma de compensação que a lenda encontrou para se ancorar num passado em que a cultura e o poderio egípcio tinham algum valor.

À boa maneira egípcia, Nectanebo é-nos apresentado no *Romance de Alexandre* como um sacerdote perito em artes mágicas e em adivinhar o futuro por meio da lecanomania²⁹. Foi através deste método que o faraó soube que se aproximavam «os últimos momentos do reino do Egipto» (I,3) e que não lhe restava outra solução senão abandonar o país. É o oráculo de Serapeu, inscrito na base da estátua de Nectanebo, que vai vaticini-

²⁸ M. Braun, *History and Romance in Graeco-Oriental Literature*, Basil Blackwell, Oxford, 1938, p.42.

²⁹ A lecanomania era o método que consistia em adivinhar o futuro mediante a observação e a interpretação do movimento da água num recipiente e das formas que nela eram produzidas por outros líquidos, como o azeite.

nar o regresso do faraó rejuvenescido (I,3), profecia esta que se cumprirá no final do romance.

A este oráculo inicial acrescenta-se um outro em que o próprio Nectanebo profetiza o futuro da rainha Olímpias, sossegando-a em relação ao eventual desinteresse de Filipe, ao mesmo tempo que revela a ligação da futura mãe de Alexandre ao deus Ámon: «É preciso que te unas a um deus que habite a terra e que deste concebas e dês à luz um filho, e que o cries, e terás nele um vingador dos ultrajes que te fizer Filipe.» (I,4).

Ámon é considerado o «rei dos deuses», a divindade mais importante da mitologia egípcia, razão pela qual os Gregos o identificaram com Zeus. A arte egípcia representa-o, muitas vezes zoomorficamente, com cabeça de carneiro, sentado no trono. Soberano em Tebas, Ámon estendeu o seu poder para além das fronteiras do Egipto até à Etiópia e dominou as tribos da Líbia. Segundo o *Romance de Alexandre*, Nectanebo ter-se-á assimilado a Ámon, que adoptou a forma de uma serpente, mas manteve a pele suave de carneiro, bem como os chifres. A narrativa apresenta, assim, Alexandre como filho de Ámon e investe-o de poderes que ultrapassam de longe os de um mero monarca e que tornarão inevitável a sua divinização após a morte.

No romance do Pseudocalístenes é o próprio Nectanebo que, antes de morrer, revela ao «filho» «o seu reinado no Egipto, a sua fuga do país, a



Gravura representando Nectanebo sob a forma de serpente ou dragão e a rainha Olímpias, no momento da concepção de Alexandre. Esta gravura encontra-se na primeira edição impressa de uma versão francesa do *Romance de Alexandre*, intitulada *Alixandre le Grand*, Paris, 1506.

viagem para Péla e a apresentação a Olímpias, como se aproximou e uniu a ela disfarçado de deus Ámon (I,14). É a origem egípcia do monarca que explica que a astronomia seja uma das disciplinas essenciais, se não a principal, da aprendizagem do soberano (em conjunto com a gramática, a música, a geometria, a retórica e a filosofia).

Os Egípcios interpretavam qualquer acto da vida humana através da mediação de um deus. Por vezes, os deuses apresentavam-se sob uma forma híbrida, outras vezes encarnavam em figuras de animais. O falcão e a serpente revestiam-se de uma grande importância para os antigos egípcios e desse facto temos vestígios no *Romance de Alexandre*.

O falcão vai ser o portador de um presságio ao rei Filipe, que se ausentara em campanha militar: «O falcão marinho, enviado por Nectanebo, chegou de noite ao local onde se encontrava Filipe, e falou-lhe a meio do seu sonho.» (I,8). Na mitologia egípcia esta ave de rapina é a personificação de Hórus, o deus solar, constantemente identificado com Apolo. A importância deste deus é atestada pela quantidade de santuários dedicados ao seu culto e pela própria multiplicidade de formas que pode adoptar no panteão egípcio.

A simbologia da serpente é mais complexa: simboliza o poder faraónico e surge-nos mesmo, por vezes, deificada. Buto, a deusa serpente, era considerada a protectora do Baixo Egipto e aparece muitas vezes representada, na arte egípcia, com a figura de uma mulher envergando a coroa vermelha do Alto Egipto. No romance do Pseudocalístenes é a serpente, investida no poder de Ámon e encarnada no faraó Nectanebo, que escolhe, através do seu oráculo e da sua união com Olímpias (I,7), o futuro rei do Egipto e comunica a sua escolha directamente à rainha: «Mulher, no teu ventre guardas um filho varão que irá ser o teu vingador.» (I,5)³⁰

A serpente é também protagonista de um prodígio cósmico e de um presságio que se irá concretizar. Uma ave colocará no colo de Filipe, quando este se encontrava num dos jardins reais, um ovo de onde nasce uma pequena serpente que, após ter contornado a casca, se procurou reintroduzir lá dentro, morrendo em seguida. O ovo simboliza o universo e a pequena serpente o filho de Ámon que irá nascer em breve. Segundo a

³⁰ Referindo-se à serpente que se encontra no leito junto de Olímpias, Plutarco comenta que Filipe já não partilhava tão frequentemente o leito da rainha por temer que ela o enfeitiçasse ou que fosse companheira de um ente superior (*Alex.*, II,6). Relaciona, porém, esta lenda da serpente com os ritos órficos e com as orgias de Dioniso, em que participavam as mulheres daquelas regiões desde tempos muito antigos (II,7,9).

interpretação do oráculo: «um filho que há-de dar a volta ao universo inteiro submetendo todos ao seu poder, mas que, ao regressar ao seu reino ao fim de poucos anos, perecerá.» (I,11).

O gosto pelo fabuloso, pelo pitoresco e pelo insólito são reveladores da influência egípcia na obra do Pseudocalístenes³¹. A função desempenhada pelos sonhos, oráculos e presságios e o papel do sobrenatural na vida dos homens comprovam o ascendente da cultura egípcia sobre o pensamento grego. É este encadear de temas de matriz oriental, a que se junta a mitificação de uma personalidade *sui generis*, que tornaram a narrativa bastante popular e a difundiram por todo o mundo. Logo no princípio do século IV foi traduzida para latim por Júlio Valério e depois, também, para cerca de 35 línguas diferentes. Conhecem-se várias versões em línguas tão diferentes como o arménio, o árabe, o hebraico, o russo, o ucraniano, o romeno, o búlgaro, e também o francês, o castelhano, o italiano, o checo, o polaco, o húngaro É caso para nos questionarmos: não terá chegado a Portugal o mito? Não existirá, algures, entre fólios amarelados de um qualquer códice medieval, uma pequena narrativa com os traços da lenda de Alexandre? A resposta fica em aberto.

3. O ROMANCE

O romance, género de reconhecida matriz oriental, surgiu bastante tarde na tradição literária grega, como um epifenómeno resultante de circunstâncias históricas e condições geográficas particulares. O enorme e abrupto alargamento dos horizontes geográficos após as conquistas de Alexandre estimulou o gosto pelo exotismo e pelo maravilhoso, inaugurando um novo ciclo na existência dos Gregos, cujas cidades se espalharam por todo o Médio Oriente, num surto sem precedentes. O período helenístico é normalmente considerado como um ponto de viragem decisivo na história da civilização, como uma época de fusão de culturas, da cultura grega com as diversas culturas que desabrocharam no Próximo Oriente após a morte de Alexandre até à época romana. A convicção da superioridade da língua e da cultura gregas revela-se no facto de os

³¹ Veja-se a cena do beijo da serpente a Olímpias (I,10) e a cena do parto da rainha (I,12). A influência de motivos orientais no *Romance de Alexandre* foi objecto de uma análise recente por parte de R. Stoneman, «Oriental Motifs in the Alexander Romance», *Antichthon* 26, 1992, pp. 95-113.

A Atracção pelo Egipto na Literatura Greco-Romana

Romance

- As Efesiacas (Habrócomes e Ântia) —> Xenofonte de Éfeso
- As Etiópicas —> Heliodoro

romances terem sido escritos nessa língua, apesar da origem não helénica dos seus autores³². Provinham de África e da Ásia, de Pérgamo, de Antioquia e de Alexandria. Talvez seja essa a razão pela qual os protagonistas dos seus romances são personagens itinerantes. O tema da viagem confere às peripécias romanescas um cenário de vastos horizontes.

A acção desenrola-se, normalmente, no Oriente, na Ásia Menor, nas costas da Fenícia e no Egipto, confirmando a perda da importância política e comercial das cidades gregas, ao lado de centros importantes como Alexandria e Antioquia. Impregnada de helenismo, a Ásia produziu um número assombroso de obras originais. A permeabilidade dos povos orientais à cultura e civilização gregas, esta osmose entre a experiência grega e a cultura dos povos não gregos, só foi possível graças à nova atitude destes últimos face aos βάρβαροι no decorrer do período helenístico. Moses Hadas diz-nos que «o reconhecimento de, pelo menos, uma igualdade potencial entre todos os homens e, conseqüentemente, a ideia de que toda a humanidade forma uma única comunidade é, talvez, a maior aquisição da época helenística»³³. Esta visão ecuménica está intimamente ligada a um cosmopolitismo que é traduzido de forma lapidar na célebre máxima do cínico Diógenes: «sou um κοσμοπολίτης — um cidadão do

³² Cáriton era nativo de Afrodisíade, na Cária; Xenofonte de Éfeso e Heliodoro, de Émesa, na Síria; Aquiles Tácio, de Alexandria, e Longo, possivelmente de Lesbos.

³³ *Op.cit.*, p. 11.

mundo.»³⁴ Também Isócrates tinha redefinido os conceitos de Grego e Bárbaro em termos de educação e não de raça e o estóico Zenão sonhava com um mundo sem fronteiras e sem estados separados, onde todos os cidadãos gozassem de perfeita igualdade e estivessem unidos, não por leis humanas, mas por sua vontade expressa ou mesmo por um sentimento de amor colectivo³⁵.

Todavia, apesar desta tendência para defender a igualdade de todos os homens dentro da comunidade e da abolição de barreiras entre os povos, o mundo helenístico estava cheio de violentas tensões e de conflitos, de antagonismos e de exacerbamentos nacionalistas. Na época helenística, diz-nos M. Braun³⁶, mais do que nunca, o homem oriental ansiava por readquirir a sua autoconfiança e orgulho, por apaziguar o seu ódio e, quando as tensões estavam menos agudizadas, pela igualdade relativamente ao povo dominador. Nunca antes a οἰκουμένη manifestara exteriormente um aspecto tão uniforme, mas nunca, também, estivera tão dilacerada política e socialmente. O romance grego teve, então, um papel relevante do ponto de vista psicológico, na afirmação da identidade e da autoconsideração daqueles povos que tinham perdido a sua liberdade política, e Calásiris, sacerdote egípcio das *Etiópicas*, ao reivindicar a origem egípcia de Homero³⁷, inscreve-se neste movimento de fervor nacionalista.

Foi neste contexto que nasceu o romance, encruzilhada de elementos sémiacos em constante diálogo, no interior da qual se instaura uma dialéctica de vozes de variadas origens. Para além de uma herança partilhada com as formas literárias tradicionais (da epopeia à comédia nova), o género romance perpetua motivos e processos bem mais antigos, que enraízam no Oriente, conforme tem sido ultimamente sublinhado³⁸.

O romance grego nasceu do livre e ilimitado exercício da liberdade de invenção. É precisamente o exercício desta liberdade, privilégio do romancista, que distancia a obra romanesca de antecedentes seus, como a *Ciropedia* ou a *Ninopedia*, em que o real nos aparece mascarado pela ficção. Pelo contrário, o romancista, herdeiro da tradição de Xenofonte, mas-

³⁴ Cf. Diógenes Laércio, VI,6,22.

³⁵ Cf. Moses Hadas, *op.cit.*, p. 16.

³⁶ *Op.cit.*, p. 2.

³⁷ Cf. *Etiópicas*, III,13,3sqq.

³⁸ Cf. J.W.B. Barns, *op.cit.*; G. Andersen, *Ancient Fiction: The Novel in the Graeco-Roman World*, Totowa, New Jersey, Barnes & Noble Books, 1984 e, mais recentemente ainda, J. Tait, «Egyptian Fiction in Demotic and Greek», in *Greek Fiction*,..., pp. 203-223.

cara com a realidade a sua obra de ficção. Sintomático desta atitude é a utilização do pseudónimo «Xenofonte», que serviu como *nom de plume*³⁹ para alguns autores publicarem os seus livros. A *Suda* menciona três autores com este nome: Xenofonte de Antioquia, autor das *Babilónicas*; Xenofonte de Éfeso, autor das *Efesíacas* e Xenofonte de Chipre, autor das *Cipríacas*.

O Egípto exerce, nos romances gregos, um papel relevante, no sentido do enraizamento da acção no real com vista a obter aquela «ilusão de realidade» que é o principal escopo de toda a ficção. Cenário envolvente, itinerário privilegiado ou escala obrigatória, o Egípto é quase uma constante ao longo dessas obras romanescas⁴⁰.

Em segundo lugar, se nos libertarmos das amarras da ficção e tentarmos vislumbrar, reflectidas na obra, traços de uma outra realidade, de carácter histórico e social, não há dúvida de que certas informações referentes ao Egípto têm um verdadeiro interesse documental. Em defesa desta tese acorrem alguns investigadores, cujos trabalhos recentes tendem a provar que os romances gregos se podem revelar um manancial importante de *realia*⁴¹.

Os romances que melhor reflectem a influência do Egípto são *As Etiópicas* de Heliodoro⁴² e as *Efesíacas (Abrócomes e Ântia)* de Xenofonte de Éfeso. Por razões de economia de tempo e espaço irei apenas concentrar-me no primeiro.

A presença do Egípto é a própria alma do romance. A acção decorre na época da ocupação persa deste país, levada a cabo por Cambises (525 a.C.), tendo como referências cronológicas esta data e a expedição de Alexandre, o Grande (333 a.C.)⁴³. O Egípto é o cenário, geográfico e

³⁹ A expressão é de B.E. Perry, *The Ancient Romances...*, p.167.

⁴⁰ Constituem excepções o romance de Cáriton, *Quéreas e Calíroe*, e o de Longo, *Dáfnis e Cloe*.

⁴¹ Apoiada em documentos papirológicos, D. Bonneau, «Les *Realia* du Paysage Égyptien dans le Roman Grec», in *Le Monde du Roman Grec*, Presses de l'École Normale Supérieure, Paris, 1992, pp. 213-219) compara o vocabulário utilizado pelos romancistas para descrever as cheias do Nilo, com aquele que é utilizado nos papiros para descrever essa mesma realidade, chegando à conclusão que, quer Heliodoro quer Aquiles Tácio, têm um conhecimento rigoroso das várias manifestações desse fenómeno e conhecem com exactidão as várias etapas do ciclo do rio.

⁴² A obra será citada segundo a edição de R.M. Rattenbury&T.W. Lumb, *Les Éthiopiennes (Théagène et Chariclée)*, 3 vols., Paris, Société d'Édition «Les Belles Lettres»,² 1960.

⁴³ Para mais pormenores, cf. M.P. Futre Pinheiro, «Pour une Lecture Critique des *Éthiopiennes* d'Héliodore», *Euphrosyne* n.s., XX, 1992, pp. 283-294.

A Atracção pelo Egipto na Literatura Greco-Romana

Romance

Realidades egípcias nas Etiópicas

- Os "Boukoloi"
- Os Sacerdotes e a Religião
- O Nilo e a paisagem

humano, no qual o autor dispôs as peças do seu xadrez narrativo no primeiro nível do discurso. Mas é, também, pretexto para desenvolvimentos de carácter etnográfico e para descrições onde predomina o exotismo e a variedade, sendo de realçar as que se prendem com o Nilo e as suas cheias⁴⁴. O Nilo é, aliás, o fio condutor de toda a acção. A narrativa começa num estádio já adiantado da diegese, na embocadura do Nilo Heracleótico, e acaba em Méroe, capital da Etiópia, sensivelmente quarenta a cinquenta dias depois, acompanhando a atribulada viagem de Caricleia, de regresso à casa paterna. Daí partira outrora em circunstâncias que o narrador nos vai paulatinamente desvendando através de extensas narrativas secundárias, habilmente encaixadas na história principal⁴⁵.

Os desígnios dos deuses conduzem os heróis da Grécia para o Egipto e depois para a Etiópia. Como intérprete destes desígnios, surge-nos a figura controversa de Calásiris, sacerdote de Mênfis, figura preponderante na economia do enredo e motor da acção no decurso da pré-história do romance. É ele quem, por ordem do oráculo de Delfos, desencadeia a

⁴⁴ D. Bonneau (*op.cit.*, p.213) chama a atenção para o facto de Heliodoro ser o autor que melhor soube registar os jogos de luz e o calor no Egipto. Cf. *Etiópicas*, IX,14,1.

⁴⁵ Cf. M.P.Futre Pinheiro, *Estruturas Técnico-Narrativas nas Etiópicas de Heliodoro*, Lisboa, 1987 e *id.* «Aspectos Formais do Romance Grego», in *Os Estudos Literários (Entre) Ciência e Hermenêutica*, Actas do I Congresso da Associação Portuguesa de Literatura Comparada, Lisboa, 1989, pp. 223-232, esp. p. 227.

fuga de Teágenes e Caricleia, que se encontravam em Delfos, proporcionando, deste modo, o regresso da jovem à Etiópia e a consagração final, em Méroe, do jovem par, a Hélio e Selene, respectivamente⁴⁶.

Calásiris surge-nos, no romance, como o verdadeiro representante da *μαντεία* egípcia e da teosofia neoplatónica. Finalmente, após ter desempenhado um papel de primeiro plano durante grande parte da narrativa, morre, em Mênfis, depois de ter cumprido a missão de reconciliar os seus dois filhos desavindos (VII, 6 sqq.)⁴⁷.

O Egipto era, como sabemos, a terra por excelência da superstição e da magia e o romance de Heliodoro faz jus a esta reputação. Assim, o episódio da feiticeira de Bessa (VI,14,3), que ressuscita, por meio de práticas encantatórias, o cadáver do filho que tinha morrido num combate entre os soldados do exército persa e os partidários de Tíamis, é sintomático da explosão de actividades relacionadas com forças ocultas, com a magia e a superstição numa época de intensa fermentação ideológica e religiosa⁴⁸.

Tem-se colocado, por vezes, com certa ênfase, a questão de saber qual a atitude religiosa de Heliodoro. Para uns, o nosso autor seria um devoto de Hélio, deus do Sol, cujo culto estaria bastante divulgado em Émesa, cidade da Síria, de onde Heliodoro, de acordo com o *post-scriptum* do romance, seria originário (X,41,4). Outro dado que poderia corroborar esta tese é uma segunda informação de não menos importância: a sua família seria descendente da raça do Sol. Sem entrar em pormenores que excederiam o âmbito deste estudo, não deixa de ser curioso o facto de Apolo, o deus que comanda o desenrolar dos acontecimentos, ser identifi-

⁴⁶ Para uma interpretação da figura de Calásiris, cf. G. Sandy, «Characterization and Philosophical Decor in Heliodoros' Aethiopica», *TAPhA* 112, 1982, pp. 142-154; J.J. Winkler, «The Mendacity of Kalasiris and the Narrative Strategy of Heliodoros' Aithiopika», *YCS* 27, 1982, pp. 93-158; M.P. Futre Pinheiro, «Calasiris' Story and its Narrative Significance in Heliodoros' Aethiopica», in *Groningen Colloquia on the Novel*, Egbert Forsten, Groningen, 1991, pp. 69-83; M.P. Futre Pinheiro, «Do Romance Grego ao Romance de Cavalaria: As Etiópicas de Heliodoro e a Demanda do Santo Graal», in *Actas do IV Congresso da Associação Hispânica de Literatura Medieval*, Cosmos, Lisboa, 1991, pp. 147-154.

⁴⁷ Petósiris, o filho mais novo de Calásiris, tinha urdido, junto do sátrapa, uma intriga contra o irmão, com o objectivo de lhe usurpar as funções sacerdotais. Tal facto levou Tíamis a abandonar Mênfis e a assumir o comando de um grupo de malfeitores, os *βουκόλοι*, que actuavam nas regiões pantanosas da foz do Nilo.

⁴⁸ Sobre a necromancia nas *Etiópicas*, cf. P. Cauderlier, «Réalités Égyptiennes chez Héliodore», in *Le Monde du Roman Grec*, pp. 221-225, esp. p. 222; M.P. Futre Pinheiro, «Fonctions du Surnaturel dans les *Éthiopiennes* d'Héliodore», *Bulletin de l'Association Guillaume Budé*, 4, 1991, pp. 359-381.

cado com Hélio quase no fim do romance (X,36,3)⁴⁹. Uma vez que o culto sincrético de Hélio se veio a tornar a religião oficial do Império na última fase do paganismo greco-romano⁵⁰, não me parece despropositado o facto de, num romance de nítido pendor religioso, o autor se ter sentido atraído pelas divindades egípcias, tanto mais que toda a obra respira uma atmosfera relacionada com aquela realidade.

Uma outra divindade egípcia que nos surge nas *Etiópicas* com uma função na economia da narrativa é a deusa Ísis, que aparece em sonhos a Tíamis (I,18,3 sqq.). Uma interpretação errada da aparição onírica leva o personagem a cometer um falso assassinio, pois, em vez de Caricleia, assassina por engano Tisbe, uma tocadora de flauta⁵¹. Por sua vez, também Caricleia é, no fim do romance, consagrada a Selene, a deusa Lua (X, 41)⁵².

Uma das curiosidades locais que mais chama a atenção do leitor moderno é a descrição das aldeias lacustres formadas por cabanas feitas de cana (σκηναί, VI,33,4 ou καλύβαι, II,3,2), que servem de abrigo aos βουκόλοι, grupos de malfeitores que actuam nas planícies pantanosas do Delta, vivendo da pilhagem e do tráfico de escravos. Nas *Etiópicas*, este grupo é comandado por Tíamis, filho mais velho de Calásiris, que um diferendo com o irmão, Petosíris, tinha forçado a abandonar as suas funções sacerdotais⁵³ e a defender, pela força, os direitos de uma classe social que estava votada à miséria e ao ostracismo, e cuja luta envolvia, certamente, motivações de índole nacionalista e religiosa⁵⁴.

⁴⁹ Sobre esta questão, cf. o meu artigo já citado, «Les Fonctions du Surnaturel ...», esp. p.359 n.1 e p.371 n.26. O culto do Sol está patente, também, nas *Efesíacas*. A intervenção divina salvou, por duas vezes, a vida de Abrócomes, injustamente condenado à morte por um assassinio que não cometera. O deus serviu-se das águas do Nilo, primeiro, para derrubar a cruz onde o jovem tinha sido amarrado; segundo, para extinguir as chamas da fogueira que estava prestes a queimá-lo (IV,2,9).

⁵⁰ Cf. F. Eumont, *Oriental Religions in Roman Paganism*, trad. ingl., Dover Publications, New York, 1956.

⁵¹ A propósito do sonho de Tíamis, cf. «Les Fonctions du Surnaturel ...», pp.366-367. A deusa Ísis é a grande protagonista de outro romance grego, *As Efesíacas*, ou *Abrócomes e Ântia* de Xenofonte de Éfeso, a ponto de haver mesmo quem considere a obra como um romance isíaco e de propaganda religiosa (e.g. R.E. Witt, *Isis in the Graeco-Roman World*, Cornell University Press, Ithaca, New York, 1971, cap. XVIII «Xenophon's Isiac Romance»).

⁵² Para uma interpretação das cenas finais do romance, cf. o meu artigo já citado, «Do Romance Grego ao Romance de Cavalaria ...», esp. pp. 151-152.

⁵³ Os motivos deste diferendo são-nos relatados em I,19,4 e VII,3,4 pelo próprio Tíamis; em I,33,2 pelo narrador; e em VI,13,5 pela feiticeira de Bessa.

⁵⁴ Para um estudo da problemática social, económica e religiosa relacionada com os βουκόλοι, cf. G. Anderson, *op.cit.*, 89 sqq. e M.P. Futre Pinheiro, «Aspects de la Problématique Sociale et Économique dans le Roman d'Héliodore», in *Piccolo Mondo Antico*, Edizioni Scientifiche Italiane, 1989, pp. 17-42, esp. pp. 27sqq.

O Nilo, que aos olhos dos Egípcios é o mais poderoso dos deuses⁵⁵, como comenta o narrador, bom como a paisagem que o circunda, as cheias, a fauna e a flora que o habitam, têm, verdadeiramente, um lugar de destaque nas *Etiópicas*.

É ao longo do Nilo que o narrador semeia a geografia do romance. É também ao longo do Nilo que surgem em cena animais exóticos, como o crocodilo, que atravessa a estrada como uma sombra (VI,1,2), ou a girafa, que enche de admiração os súbditos do rei etíope e que é minuciosamente descrita (IX,27,2).

Calásiris dá uma explicação racional para o mistério da sua origem e das cheias anuais (II,28) e, mais tarde, aproveitando o pretexto da celebração da mais importante das solenidades egípcias (τά Νειλῶα), que tem lugar no solstício de Verão, são-nos dadas informações sobre a natureza divina do rio, explicações estas que são fornecidas ao vulgo num primeiro grau de iniciação⁵⁶, estando reservadas a uma elite de iniciados, «no santuário iluminado pelas tochas da verdade», revelações mais claras (IX,9).

O elogio do Nilo feito pelos sacerdotes a Hidaspe, por ocasião da tomada de Siene, é «um verdadeiro panegírico»⁵⁷, que tem também a finalidade de revelar, ao soberano da Etiópia, algumas curiosidades de ordem científica, como o nilómetro, que serve para medir as cheias do Nilo, os quadrantes solares e o gnómon que, no solstício de Verão, não projecta qualquer sombra (IX,22)⁵⁸.

No extremo sul do Egipto, as cidades de Siene, Elephantine e Filas são palco de lutas constantes, pois as minas de esmeraldas tornam-nas cobiçadas, quer pelos Egípcios, quer pelos Etíopes. Estas lutas, que preenchem o livro IX das *Etiópicas*, introduzem a personagem de Hidaspe, rei da Etiópia, que, após uma vitória sobre as forças persas, regressa a Méroe, capital do país, acompanhado pelos prisioneiros, entre os quais se contam Teágenes e Caricleia.

De Méroe, que é descrita como uma espécie de Ilha dos Bem-Aventurados⁵⁹, como o reino da felicidade e da utopia, são-nos descritas

⁵⁵ Cf. IX,9,3.

⁵⁶ Segundo o narrador, intérprete do pensamento dos Egípcios, os elementos primordiais, a terra e a água (o Nilo) seriam representados, respectivamente, por Ísis e Osíris (IX,9,4).

⁵⁷ A expressão é de E. Feuillat, *Études sur les Éthiopiennes d'Héliodore*, Paris, PUF, 1966, p. 42.

⁵⁸ Cf. a este propósito o comentário de P. Cauderlier, *op.cit.*, p. 223.

⁵⁹ A expressão é de P. Cauderlier, *op.cit.*, p. 222.

as canas enormes que os Etfopes cortavam em duas partes para, com elas, construir pirogas leves e rápidas (X,4,6); é evocado o tamanho extraordinário e o rendimento incrível dos seus cereais (X,5,2); é realçada a altura das palmeiras, que produzem tâmaras enormes e suculentas (X,5,2).

Tem-se colocado a questão de saber em que fontes se teria apoiado Heliodoro para nos descrever, com tanto pormenor, os costumes dos povos egípcio e etíope. Terá sido esse conhecimento resultado de uma pesquisa original e individual? Ou será fruto de um saber meramente livresco? O nosso autor terá, certamente, misturado dados da sua própria experiência com outros oriundos de fontes diversas. Heródoto, Diodoro Sículo, Estrabão, Xenofonte, terão estado certamente no seu horizonte literário, se tivermos em conta a vocação enciclopédica de que dá provas ao longo do romance⁶⁰.

Além disso, muitas das realidades que nos apresenta podem, também, ser comprovadas através de testemunhos papirológicos, como, por exemplo, as obras de construção de diques ou certas questões relacionadas com as cheias do Nilo⁶¹.

Mau grado os séculos que separam Heródoto, o autor com que iniciei este estudo e Heliodoro, que o encerra, e não obstante inúmeras e, por vezes, profundas divergências entre eles, não posso deixar de concluir que uma mesma atitude, feita de curiosidade, respeito e admiração pelo Egipto e suas realidades, move o historiador e o romancista, que se tornaram, um e outro, intérpretes do que podemos designar um sentimento colectivo.

⁶⁰ D. Bonneau (*op.cit.*, p. 213) é de opinião que, no domínio da botânica, os conhecimentos de Heliodoro são produto de uma experiência pessoal.

⁶¹ *Id.* p. 215.